

Meu anjo da guarda

Ela vive salvando a minha vida. Ou melhor, continua me dando razões para viver. *Por* KIRK DOUGLAS

A CONTECEU a caminho de casa, voltando de uma reunião ao norte de Los Angeles. Meu amigo Noel Blanc, piloto de helicóptero, ofereceu-me uma carona de volta para a cidade. Estávamos a 20 metros do solo quando colidimos com um pequeno avião pilotado por um instrutor de vôo e seu jovem aluno. Noel e eu sobrevivemos, mas os homens do avião morreram instantaneamente.

Não me recordo de ter sido tirado das ferragens, tampouco da viagem de ambulância até o hospital mais próximo. Mas eu me lembro de minha mulher, Anne, com o olhar fixo em mim, deitado naquela maca. Ao saber do acidente, Anne pegou um helicóptero e foi ao meu encontro. Insistiu em que eu

fosse removido para o hospital de nosso bairro em Los Angeles, o Centro Médico Cedars-Sinai. Mais uma viagem de helicóptero. Era tudo que eu queria!

Mas Anne tinha razão. Em Los Angeles eu receberia o melhor tratamento.
(Continua na página 20)



Promessa – ‘Se ela me deixar’, Kirk Douglas diz da mulher, Anne, ‘eu vou com ela.’

Meu tipo inesquecível

mento para a lesão sofrida na coluna, além da atenção de psiquiatras que me ajudariam a enfrentar uma concretíssima “culpa de sobrevivente”. Anne tem tanto discernimento, uma intuição tão aguçada, que raramente toma a decisão errada. Salvou minha vida pela primeira vez em 1958 ao não permitir que eu acompanhasse o produtor cinematográfico Mike Todd em seu vôo fatal. Salvou-me mais uma vez após o acidente vascular cerebral (AVC) que sofri em 1995, depois do qual fiquei deprimido e suicida.

O segredo de Anne é aprender com a vida e seguir em frente. Nasceu em Hannover, na Alemanha, ela fugiu para a Bélgica, na adolescência, a fim de escapar do fascismo. Mudou-se a seguir para Paris e sobreviveu à ocupação lançando mão de sua aptidão lingüística. Fluente em francês, inglês, italiano e alemão, sua língua materna, ganhava a vida legendando filmes franceses em alemão.

Nós nos conhecemos em 1953, quando eu me encontrava em Paris para filmar *Ato de amor*. Procurava uma assistente e Anne Buydens apareceu em meu camarim para uma entrevista. Vestia um terno azul de gola branca e tinha punhos e tornozelos muito delicados. Impressionante. Expliquei as tarefas exigidas pelo cargo e ela disse, edu-

cadamente: “Não acredito que o trabalho seja apropriado para mim.” Fiquei amuado. Ali estava eu, um astro do cinema americano. Esperava que ela se mostrasse ávida por agarrar aquele emprego.

Acabou aceitando, mas apenas em caráter temporário. E, por fim, concordou em sair comigo, o que havia sido a minha intenção desde o início. Mas isso me custou certo esforço. Após o primeiro encontro,

telefonei convidando-a para jantar no Tour d’Argent, um dos melhores restaurantes de Paris, com uma vista fantástica do Sena. “Não”, respondeu ela. “Estou cansada. Acho que vou fazer uns ovos e dormir.” Na ocasião, pensei: *Azar o dela!*

Mas foi justamente esse estilo pragmático que fez com que eu me apaixonasse. Nos meses

que se seguiram, enquanto eu filmava *Ulisses* na Itália, Anne foi ao meu encontro diversas vezes. Em 1954, quando o trabalho ameaçava nos manter separados por diversos meses, percebi que não queria perdê-la e a pedi em casamento. Fomos até Las Vegas para as núpcias.

Quarenta e sete anos de casamento é uma bela jornada. Anne me apoiou durante muitos momentos difíceis, o que nem sempre foi fácil, visto que às vezes não passo de um ator egocêntrico. Após o acidente, eu não

‘Quer tomar o café da manhã na cama? Então acho melhor você dormir na cozinha!’

conseguia me sentar por causa da dor. Quando saíamos, Anne me acomodava na parte traseira da perua, onde eu podia me esticar. Em jantares com amigos, preparava o meu lugar como se fosse a atitude mais natural do mundo comer deitado no sofá. Consolou-me durante minha angústia de sobrevivente, mas não tolerava – o que era muito importante – que eu sentisse pena de mim mesmo.

Nunca a vi sentir pena de si mesma. Há 30 anos Anne passou por uma cirurgia após encontrar um caroço no seio. O médico avisou que se tratava de um tumor maligno que começava a se espalhar. Convenceu-me a autorizá-lo a extirpar o seio de Anne naquele mesmo instante.

Mais tarde, senti-me culpado. Anne me garantiu que eu havia agido certo. Com seis outras sobreviventes, trabalhou em uma campanha na qual arrecadaram 9 milhões de dólares para ajudar a financiar um centro de pesquisas no Cedars-Sinai. Recentemente, leu um artigo sobre o estado deplorável dos pátios das escolas de Los Angeles e deu início a um programa para reconstruí-los e embelezá-los.

ESSE É O método usado por minha mulher: encontrar formas de fazer com que sua vida ajude outras pessoas. Fui o beneficiário dessa prática muitas vezes. Na tarde em que sofri o AVC,

Anne jogava *bridge* com Barbara Sinatra e eu estava em casa fazendo as unhas. Quando minha fala foi ficando ininteligível, a manicure, uma ex-enfermeira, telefonou imediatamente para Anne. Em dez minutos ela estava em casa e uma hora depois chegávamos ao hospital.

Embora tenha sido a minha salvadora, Anne, que acredita no amor com certa dose de severidade, não permitiria que eu me entregasse. Durante minha recuperação, expulsava-me da cama todas as manhãs para que eu trabalhasse com a fonoaudióloga. Ensinou-me os exercícios que a ajudaram quando aprendia inglês. A fonoaudióloga ficou impressionada. Um dia, orgulhoso de meu progresso, eu disse: “Como recompensa, amanhã quero tomar o café da manhã na cama.”

Anne olhou para mim e disse: “Quer tomar o café da manhã na cama? Então acho melhor você dormir na cozinha!” A seqüela mais difícil do AVC foi a depressão. Durante essa fase, Anne aturou meu mau humor, mas não permitiu que eu reclamasse.

Enquanto escrevia meu último livro, tive uma espécie de epifania inspirada por Anne. Enfrentar um AVC é como enfrentar a vida. O mundo está cheio de gente que passou por um ou outro infortúnio. O que separa os sobreviventes dos outros é a disposição de ir em frente e ajudar as pessoas a ir adiante também. É o que Anne faz desde que a conheço. —narrado a ELIZABETH TERRY